

“LA GRANDEUR DE LA FRANCE”...

8JUL23

“Toda a minha vida senti em mim uma certa percepção da França”

Charles de Gaulle

A França é o país europeu com o subsolo e solo, mais rico da Europa. Faltava-lhe hidrocarbonetos mas tal foi resolvido com a energia hídrica e nuclear. E é isso que tem permitido que sobreviva.

É banhada por um oceano e por um mar que, pelo seu tamanho, também se assemelha a um oceano, ou seja, tem algumas das condições para ser uma potência marítima, mas nunca o foi verdadeiramente pois a idiossincrasia das suas gentes, não o permite.

Desde a alta Idade Média que são uma manta de retalhos que se foram abocanhando e juntando uns aos outros, onde os ingleses meteram uma cunha profunda que resultou numa guerra que durou 100 anos. Nunca estiveram sossegados nas suas fronteiras e foram sendo inimigos à vez, de quase todos os países.

Nomeadamente do Sacro Império Romano Germânico (outra manta de retalhos) e Austro-Húngaro. Com o “Rei Sol” tiveram um pico de poder e elegeram a Dinastia dos Habsburgos como ódio de estimação e chegaram a fazer alianças de conveniência com os Otomanos, mesmo sabendo que estes ameaçavam a Cristandade. A eles, a quem um Papa, certamente num momento de distração, atribuiu o título de “Cristianíssimo” a uma realeza que sempre tentou instrumentalizar a Santa Sé; provocou cismas e tinha cometido a vilania de destruir a Ordem do Templo – e ainda hoje não devem estar livres da maldição que o seu último Grão-Mestre Jacques de Molay, lhes rogou, enquanto morria na fogueira. São dela merecedores, já que S. Luís e Joana D’Arc, não chegam para se resgatarem...

Por seu turno as lutas religiosas derivadas da “Reforma” entraram por ela adentro e deixaram estragos até hoje.

E como a sua língua teve relevância internacional; produziram muitos cidadãos que se distinguiram nos campos da ciência, das artes e das letras (e um cabo de guerra notável, apesar de não ser propriamente francês); têm bons vinhos - honra lhes seja feita; inventaram o champanhe; aprimoraram o perfume (a partir do Século XIV) e gostam de ditar a moda, julgam-se os maiores à face da terra e tornaram-se de uma pesporrência e jactância – o termo correcto é chauvinismo - que não se atura. Razão principal porque a Cavalaria da Gasconha ficou morta em Aljubarrota.

Mas a partir da chamada Revolução Francesa (em 1789) nunca mais atinaram, lançando os seus erros sobre a Humanidade.

Ao fim de centenas de milhares de mortos (guilhotinados, afogados nos rios e depurações variadas), implantaram uma espécie de regime político, que nasceu do Terror de Estado (a que se deu o nome de “Democracia”), querendo substituir “Deus” pelo “Supremo Arquitecto” e os “Dez Mandamentos” pela “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, esquecendo-se, muito convenientemente dos Deveres de cujo cumprimento, derivariam os respectivos Direitos...

Acabou com um jovem general Corso a querer implantar o “modelo” em toda a Europa. Obviamente sob a tutela imperial da “Grande” França. Em Portugal, mataram-nos (por via directa e indirecta) cerca de 10% da população da altura (cerca de 300.000 pessoas), e quase toda

a parte europeia do país ficou destruída, em consequência de cinco invasões (sim, a “Guerra das Laranjas” também foi por causa dos franceses e há que contar com uma pequena invasão nas terras de Riba Côa, depois de Massena ter sido expulso).

A Corte teve que retirar para o Brasil, para não ser aprisionada e manter livre o Poder Político Nacional. No fim, Napoleão reconheceu que o D. João VI foi o único que o conseguiu enganar em vida. Paz à sua alma.

Ainda no século XIX, fecharam-nos por duas vezes a barra do Tejo e só não destruíram a Torre de Belém por, excepcionalmente, nos termos deparado com um almirante mais consciencioso. Só por causa disto, tenho-lhes muito amor...

Entretiveram-se em revoluções internas por todo o século XIX; a alternar entre República e Monarquia e a serem furiosamente de “Direita” ou de “Esquerda”. O granel instalou-se, mas a “Belle Epoque” atraiu milhares de deslumbrados a Paris. Levaram uma sova humilhante do I Reich Alemão, em 1870; salvaram-se por uma unha negra de tornar a perder a I GM, por manifesta superioridade aliada no fim da mesma, e por manobras de bastidores que transformaram o que se tinha acordado ser um armistício, numa humilhação aos alemães. Que não perderam tempo a devolvê-la, agora na ponta dos “Stukas” e dos “Panzer”, em 1940. Depois foram os desastres na Indochina, na Argélia e em África.

Mas a gente vai a Paris e por dentro do Arco do Triunfo só lê vitórias...

Mas poucas guerras ganhas, se é que alguma.

Contudo a sua riqueza natural e tamanho em território e gente, e a diplomacia “retorcida” que criaram, tem permitido que sempre se levantem.

Chegou-se aos anos 60 e lá tiveram (tivemos) que passar pelo “Maio de 68”, que só não acabou numa intervenção (e ditadura) militar, por pouco. E esse pouco chamou-se General de Gaulle – esse mesmo que continuava a clamar pela “Grandeur de la France”. E a bater o pé aos americanos.

A intervenção francesa na Argélia no início do século XIX (entre 1830 e 1847) e também na Tunísia e Marrocos revelaram-se desastrosas. A onda muçulmana no Norte de África tinha-se tornado profunda, enraizada e possuidora de uma matriz cultural e sobretudo religiosa, que os distinguia, unia e individualizava.

Se havia razões de queixa dos franceses em relação aos argelinos, estes deviam ter sido punidos militarmente e não aproveitar-se uma desavença para ocupar uma vasta região. Quando a França prometeu a independência aos povos magrebinos em troca de ajuda na II Guerra Mundial (como aliás já tinha havido ajuda, na Primeira) e depois começaram a fazer-se de esquecidos, estavam criadas as sementes da rebelião. E tal não tem nada a ver com o facto dos argelinos (ou outros), poderem viver melhor se estivessem de alguma forma ligados à França.

A guerra que se seguiu entre 1954 e 1962, foi feia, deixou marcas e ódios para muito tempo. A situação na Tunísia (protectorado desde 1881) e em Marrocos (tornado protectorado espanhol e francês, em 1912, com uma área internacional em Tânger) não foi tão dura e drástica, tendo a independência sido concedida no mesmo ano de 1956 (no caso de Marrocos a independência também foi obtida da Espanha).

Com a estabilização das relações, passou a haver uma forte emigração do Norte de África para França (e para todos os países europeus mais desenvolvidos e sobretudo para aqueles que detinham territórios fora da Europa), que se estendeu hoje em dia a todos os países europeus. A imigração passou a ser um fenómeno a nível mundial.

Este fenómeno começou a aumentar nos anos 60 do século passado, passou por uma distensão após a queda do muro de Berlim, em 1989; aumentou exponencialmente com o

fenómeno “migrante/refugiado” na sequência das “Primaveras Árabes” (cujos eventos mais graves ocorreram na Síria) e passou a estar fora de controlo com o Pacto de Marraquexe, de Dezembro de 2018, assinado pela maioria dos países do mundo.

As razões que levaram a esta situação são diferentes (e complexas), quer seja do lado do destino, quer seja dos locais de origem.

Apontamos apenas alguns e pela rama, já que o assunto comporta várias teses de doutoramento.

Do lado de quem acolhe, temos a salientar a quebra demográfica e as necessidades de mão - de - obra decorrentes do desenvolvimento económico. Junta-se a estes, o facto da generalidade da população dos países, ditos desenvolvidos, terem deixado de querer trabalhar em profissões ou ofícios, que são considerados mais duros ou de menor estatuto social. A sucessiva perda dos valores nacionais e do conceito da família tradicional, aliada à cada vez maior abertura e permeabilidade das fronteiras; a demagogia própria do Sistema Democrático; a alienação da autoridade e o desenvolvimento de “ismos” perfeitamente desfasados da realidade que a natureza humana e a Geopolítica comportam e determinam, levaram a que se deixasse admitir, cada vez com menos critério, a aceitação de residência a milhões de indivíduos, com graus culturais, religiosos e costumes perfeitamente distintos.

O aumento e melhoria exponencial das telecomunicações e dos transportes facilitaram tudo. O acesso facilitado à obtenção da nacionalidade aumentou a putrefacção da sociedade. Nem o aumento e os picos do terrorismo internacional, nem a escalada da criminalidade no seio das comunidades (já há 30 anos a esta parte, em França, em cada fim de semana contavam-se, em media, com cerca de 500 carros incendiados), fez alertar as forças governamentais e parlamentares, cujos políticos vivem da mentira e de atirar dinheiro para cima dos problemas, mas não são capazes de resolver nenhum.

E conseguem levar a comunicação social a “esconder” os problemas existentes no caso dos migrantes, chegando ao ponto de não se poder saber a identidade, religião, etnia, raça ou qualquer outro item (a não ser que seja branco, heterossexual e cristão), de quem não se porta segundo os ditames da Lei ou da Moral Pública, que também deixou de existir...

Por parte dos imigrantes as razões são obviamente as do subdesenvolvimento e pobreza, excesso de população; aspiração a melhorar a vida pessoal; sequelas das “descolonizações”. Pontualmente existem acções deliberadas de infiltração de agentes terroristas ou criar bases de retaguarda (que foi o que a “ETA” fez, por exemplo, em Portugal durante décadas), criação de bolsas de cidadãos que permitam futuramente a defesa de interesses estratégicos (como deve ser o caso da imigração turca), ou, até, de estabelecer redes de influência, comércio e informações, como é claramente o caso da China. O que em acréscimo ajuda a mitigar a pressão demográfica e a obtenção de divisas, o que é manifestamente o caso no Norte de África e da região insustentável.

Transversalmente vão-se constituindo verdadeiras redes criminosas de “import/export” de imigrantes/migrantes/refugiados, etc., complementada com ONGs (organizações não governamentais), que se dedicam a fazer barulho à volta do tema e não se sabe exactamente mais o quê.

Acontece que não é possível integrar, absorver e arranjar trabalho e condições de vida digna para tão elevados contingentes, por melhores que sejam as políticas (o que está longe de ter ocorrido a começar pelo “multiculturalismo” e fazer-se caixotes de apartamentos para colocar estranhos), e não se consegue integrar quem não quer ser integrado, como é o caso mais evidente dos islamizados. E que, além de não se quererem integrar, querem passar a mandar e a impor as

crenças e o estilo de vida em que foram criados (convinha lembrar estas coisas ao Dr. Marques Mendes e outros “comentadores”).

Voltando à França (que juntamente com a Bélgica e a Suécia, parecem ser os países mais afectados), a situação está já fora de controlo e à beira de uma guerra civil, onde as autoridades já não dominam áreas extensas do território. Por uma vez estou do lado deles e lhes envio uma palavra de solidariedade - aliás milhares de franceses já abandonaram a França (muitos vieram para cá), pois não querem viver naquele barril de pólvora e de maus costumes.

Faço-o, porém, por razões “egoístas”, pois o que se passar na França vai expandir-se para cá...

A situação que têm entre mãos, é explosiva – o incidente em que morreu um rapaz de 17 anos, de origem argelina, com extenso cadastro de delinquências, foi apenas um rastilho para uma fogueira latente e muito maior - e só se resolve controlando (até fechando) as fronteiras; expulsando do país tudo o que for de lei (e a lei muda-se); imposição de regras de conduta estritas e chumbo grosso. Tudo o resto é conversa fiada.

Por cá o que está a dar são as tricas políticas; os reforços (a preços pornográficos) das equipas de futebol; os concertos (quase diários) de verão – que desmentem (aparentemente) a crise económica/financeira – e o ... assobiar para o lado. E “eles” continuam a chegar às centenas de milhar.

João José Brandão Ferreira
Oficial Piloto Aviador (Ref.)